

A INFLUÊNCIA DA CRIMINOLOGIA MÍDIÁTICA NA SOCIEDADE

THE INFLUENCE OF MEDICAL CRIMINOLOGY IN SOCIETY

DE LIMA, Wandeyr Teófilo ¹
PANATIERI, Cristiane Bianco ²

RESUMO

O artigo aqui presente mostrou os impactos causados na forma de agir da sociedade sob a influência da mídia, refletindo em toda a estrutura social, desde a formação de opiniões e forma de pensar até grandes impactos na segurança pública. Foi feita pesquisas com diversos autores, sociólogos e especialista na área mostrando que a forma com que é colocada as informações para o público pode ser bastante prejudicial, trazendo prejuízo para a vida dessas pessoas, para o Estado e toda a sociedade em si, mostrando que é necessário que tenha um controle ou a mudança na forma com que é repassada. Não menos importante um dos principais efeito causados pela violência exercida por mídias é a violência simbólica que foi criada pelo sociólogo Pierre Bourdieu, onde diz que é uma violência que diretamente não afeta fisicamente mas sim moral e psicologicamente criando continuamente uma espécie de crença social dividindo pessoas por critérios sociais e econômicos. Zaffaroni vem dizendo sobre a estereotipação criada por essas mídias, e que a parcela da população que consegue perceber essa manipulação é muito pequena comparada com a massa consumidora dessas mídias. Zaffaroni explica como funciona essa máquina de criar estereótipos, e como a sociedade de forma inconsciente consome e absorvem essa violência, dividindo a população entre boas e ruins como se fossem de planetas diferentes, devendo os bons serem protegidos por forças de segurança pública dos ruins que em uma visão distorcida são colocados como o problema do mundo onde grande parte dos crimes e coisas negativas que acontecem seria culpa dessa parte ruim, e tratando os taxados de bons como pessoas puras que não fazem nada de errado em suas vidas. O autor Rubim fala da grande aceitação da mídia trazendo uma nova dimensão de aceitação, onde os discursos feitos por mídias são facilmente aceitos como verdadeiros. Giddens trás sua teoria de estruturação onde mostra as dinâmicas da modernidade e alguns costumes e subpráticas. Aulagnier em sua teoria diz que a violência se torna invisível ou irreconhecível quando o sentimento de quem a realiza se converte em objeto demandado tendo assim sua meta alcançada. Marilena Chauí retrata sobre os quatro elementos ideológicos que fazem com que o mito da não violência se propague. Jenkins faz uma bordagem e mostra que a sociedade se torna mais resistente a esse tipo de violência se for mais pensante. O artigo mostra que não apenas deve ser mudado a forma com que é repassada as informações nesse tipo de mídia mas também é necessário uma mudança na forma de administrar o país como um todo para que haja melhor educação e as pessoas não sejam tão facilmente influenciadas deixando que certas mensagens repassadas pelos vários tipos de mídias produzam efeitos negativos.

¹ Wandeyr Teófilo de Lima, Turma Lima, Goiânia, do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás – CAPM, wandeyrtl@pm.go.gov.br;

² Cristiane Bianco Panatieri: Especialista em Criminologia e Segurança Pública, do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás – CAPM, panatieri@hotmail.com, Goiânia-GO, Maio 2018.

Palavras-Chave: Criminologia Midiática, Violência, Esteriótipo, Violência Midiática.

ABSTRACT

The present article showed the impacts caused in the way society acts under the influence of the media, reflecting on the whole social structure, from the formation of opinions and way of thinking to major impacts on public security. Research has been done with a number of authors, sociologists and specialists in the field, showing that the way in which information is put to the public can be very harmful, causing harm to their lives, to the State and to society as a whole, showing that it must have control or change in the way it is passed on. Not least of all, one of the main effects of media violence is the symbolic violence that was created by the sociologist Pierre Bourdieu, where it says that it is a violence that does not directly affect physically but rather, morally and psychologically, continually creating a kind of social belief by dividing people by social and economic criteria. Zaffaroni has been saying about the stereotyping created by these media, and that the portion of the population that can perceive this manipulation is very small compared to the mass consumption of these media. Zaffaroni explains how this machine works to create stereotypes, and how society unconsciously consume and absorb this violence, dividing the population between good and bad as if they were from different planets, and the good ones should be protected by public security forces from the bad ones who in a distorted view are posed as the problem of the world where much of the crimes and negative things that happen would be the fault of that bad part, and treating the taxed of good as pure people who do nothing wrong in their lives. The author Rubim speaks of the great acceptance of the media bringing a new dimension of acceptance, where speeches made by media are easily accepted as true. Giddens brings his theory of structuring where he shows the dynamics of modernity and some customs and subpractices. Aulagnier in his theory says that the violence becomes invisible or unrecognizable when the feeling of who realizes it becomes the object demanded having thus his goal reached. Marilena Chauí portrays the four ideological elements that make the myth of nonviolence spread. Jenkins does an embroidery and shows that society becomes more resistant to this type of violence if it is more thinking. The article shows that not only must the information be changed in this type of media, but a change is also needed in how to manage the country as a whole so that there is better education and people are not so easily influenced by leaving that certain messages passed through the various types of media produce negative effects.

Keywords: Criminology media, Violence, Stereotype, Media violence.

1 INTRODUÇÃO

Até que ponto a mídia influência na vida social?

O presente artigo abordará a influência da mídia sobre a sociedade, rotulando e criando estereótipos. A mídia com seu grande poder e capacidade de alterar formas de pensar de grande parte da população, mostrando como são manipulados amplamente abordados por

sociólogos como Bourdieu com seu trabalho de *habitus* que é a carga de princípios adquiridos por seres humanos durante sua vida. O autor trata também diz que a mídia é a principal divulgadora do que ele chama de violência simbólica.

A forma com que é jogada as informações por poderosos da mídia tanto a “tradicional” quanto a mídia social, com notícias violentas sem explicações. O criminólogo Zaffaroni também trata sobre a estereotipação causada por essa criminalidade midiática, a divisão social que ocorre com essa parte da população como se não fizessem parte da população não merecendo compaixão.

A autora Marilena Chauí tem uma teoria sobre “o mito da não violência” que é a criação de imagem de um povo pacífico que não discrimina e sem problemas. A autora também fala sobre os quatro elementos ideológicos que faz com que o mito da “não violência” se alastre com maior facilidade, fazendo com que um povo renege parte de seu próprio povo.

A educação é a mais forte aliada contra a manipulação midiática e contra violência, evitando com que se seja facilmente manipulados e influenciados de várias formas.

A metodologia utilizada neste artigo é revisão de literatura.

2 CRIMINOLOGIA MIDIÁTICA

O ser humano é um ser biopsicossocial, onde toda e qualquer influência pode alterar comportamentos em qualquer idade.

A palavra mídia vem do latim “media” que significa “meio” ou “forma”.

Pierre Bourdieu foi um sociólogo francês criador do chamado “violência simbólica” que se baseia em preconceitos e crenças. Bourdieu diz que a violência simbólica faz parte de arbitrário cultural que é imposto pela pequena parte da sociedade dominante. O autor fala sobre alguns princípios que cada ser humano carrega em seu interior que foi construído e adquirido com base no meio social, que lhe foi dado o nome de *habitus*.

Habitus é concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (PIERRE BOURDIEU, 1983)

Tendo como base o *habitus* de Bourdieu, essa socialização individual de cada um vem de ambitos familiares, escolas, religião, trabalho e tudo que faz parte da vida social de

um ser, porém, a mídia constantemente influência na estrutura de aprendizagem, ditando e orientando ações em toda sociedade e cada vez de forma mais intensa com a grande evolução dos diversos tipos de mídia e facilidades em se acessar.

O sociólogo Ervin Goffman (1988) mostra uma das mais impactantes formas que a mídia exerce na formação e entendimento da sociedade que é a estereotipação das classes, Goffman diz

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social”. [...] estigma é, portanto, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo [...] (1988 :11)

De acordo com Zaffaroni, em seu livro *A Questão Criminal*, as comunicações feitas principalmente com imagens por mídias e mídias sociais são impactantes nas esferas emocionais, e por esse motivo não se deve espantar com notícias que são resumos de tragédias e violências que deixam pessoas impressionadas mas não dando espaço para reflexões. Notícias como essas não tem caráter de aprendizagem, elas são de forma ilusória colocadas como informativas, sem contextualização são apenas “bombardeadas” em lares, como se desfragmentasse filmes de horror e os colocam em telas para ser vistos mas sem explicações pois isso demanda muito tempo.

A criminologia midiática cria uma imagem onde o mundo é dividido entre pessoas de boa índole, decentes e puras, frente a um grande multidão de criminosos caracterizados por estereótipos, criando uma espécie de “eles” e separando essa parcela do resto da sociedade e serem considerados diferentes e maus. Essas pessoas más, criados pela criminologia midiática incomodam e tiram a segurança das pessoas que se intitulam boas não deixando que vivam em paz em suas vidas exemplares sem erros, e para que essas pessoas “boas” sejam protegidas das perversidades e maldades insanas da outra parte é necessário que a polícia os proteja.

As características para selecionar essa parte “ruim” da sociedade são específicas regradas a violência e perversidade, e são apresentados como seres que não deve se ter afeto ou qualquer compaixão. O que passam é que as pessoas que moram em comunidades e bairros mais pobres, que usam algum tipo de droga ou tomam cerveja em bares, irão fazer um dia o que passa nas telas e mídias sociais criando um tipo de estereótipo que cria a sensação que se deve expurgá-los da parte da sociedade que aparentemente não cometeria crimes.

Quando um crime é cometido de forma em que aparentemente não chocam diretamente com a segurança pública ou que não produzam um pânico moral são deixados de lado, e se é mostrado alguns desses poderá ser por suas conotações sexuais. Essa parte estereotipada da sociedade é contruída com bases simples em mensagens por essa criminologia midiática, como violentos com a outra parte da sociedade, mas quando essa violência é feita entre eles é passado de forma que eles fazem isso porque são brutos. O que se passa é que são seres diferentes, com instintos animais e não merecem piedade, como se apenas eles fossem a parte ruim que estraga o mundo que apenas essa parte é que cometem crimes.

Bourdieu diz que a mídia é a principal divulgadora do que ele chama de violência simbólica e mostra uma preocupação em relação a isso

Desejaria, então, desmontar uma série de mecanismos que fazem com que a televisão exerça uma forma particularmente perniciosa de violência simbólica. A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. A sociologia, como todas as ciências, tem por função desvelar coisas ocultas. Ao fazê-lo, ela pode contribuir para minimizar a violência simbólica que se exerce nas relações sociais e, em particular, nas relações de comunicação pela mídia. (BOURDIEU, 1997, p. 22)

Giddens (1991) em sua Teoria da estruturação, as dinâmicas da modernidade diz que são uma espécie de desencaxes do tempo-espaço e deslocam os costumes sociais de ambientes locais e as recolocam em ambientes mais amplos e abstratos. Esses costumes ampliados por tempo e espaço se diferem em subpráticas por especialização e divisão de trabalho. As mídias mais comumente conhecidas e as mídias de redes sociais ambas oferecem um grande e contante fluxo de informações que pode não só orientar mas também influenciar indivíduos e organizações implantando práticas próprias de sua instituição.

Senra (1995) diz que a inserção da televisão institui uma forma de espaço imaginário fazendo com que haja uma substituição do que é real.

Magno Medeiros (2001) fala sobre a perda da sensibilidade e da emoção resultante do efeito causado por violências expostas em mídias, provocando indiferenças sociais ou até mesmo políticas. Ao consumir de forma prolongada essas mídias elas fomentam insegurança e medo na população causando insensibilidade na população decorrente da banalização exposta da violência. Além da estereotipação e a insensibilidade causada pela mídia há outras consequências como a inserindo culturas como a de “bad boys” onde jovens acham que ser mau é uma espécie de *glamour*, outra cultura que é causada juntamente com a banalização é a

de aceitação, onde a violência é normal com por exemplo atitudes do tipo “não tem jeito mesmo”

Magno (2001) relata que:

As formas de representação e o poder simbólico da violência na mídia não são iguais: eles variam quanto à forma, quanto ao conteúdo e quanto ao valor simbólico e ideológico da imagem ou mensagem. Explicando melhor, vamos pontuar a seguir os fatores que interferem no processo de recepção de imagens de violência, a partir de suas representações na mídia. (Medeiros, Magno, p.39, 2001)

Dos fatores citados por Magno há alguns de maior importância, como a Natureza do perpetrador que influencia diretamente como personagem da história; a Natureza da vítima que também irá influenciar nos processos de identificação como realmente vítima; Consequência dessa violência irá influenciar no nível de revolta ou aceitação social.

Rubim (1994) também relata que a mídia traz uma nova dimensão que possibilita difunde não apenas conceitos mas formas de sentir ou pensar, oferecendo discursos que não podem ser vivenciados pela maioria dos telespectadores, difundindo valores que produzem demandas subjetivas, contribuindo para aceitação da midiática como verdadeira, mostrando grande desigualdade fora dessas mídias ampliando ainda mais índices de violência.

Aulagnier (1975) fala que a ação violenta tem sua meta alcançada quando o sentimento de quem a realiza se converte objeto demandado por que sofre suas sequelas, tornando essa violência irreconhecível ou invisível por aqueles que sofrem seus efeitos que passa a se tornar uma necessidade que se transforma a partir do desejo de outrem.

A grande quantidade de violência contida nessa imensidão de informações que são amplamente acessadas por crianças e jovens é um elemento essencial a ser observado.

Marilena Chauí (1978) retrata sobre “o mito da não violência” que é amplamente difundida no Brasil que é colocada pela autora como a forma com que a violência é interpretada, criada uma imagem de povo mestiço, pacífico que não discriminam socialmente, colocado por classes dominantes que espalham o mito tendo sempre explicações para algum tipo de violência como forma de renegar.

Chauí (1978) retrata sobre quatro elementos ideológicos que fazem com que esse mito se propague. Sendo primeiramente a estereotipação e os estereotipados mesmo nascendo no Brasil são tratados como se não fossem brasileiros.

O elemento número dois seria dizer que os brasileiros não são violentos criando uma ilusão confortante, e quando ocorrem violências em todos os aspectos elas são acidentais ou explicáveis fazendo com que se tenha uma essência não violenta.

O elemento número três é o sistema jurídico onde a violência fica restrita a criminalidade dos estereotipados, determinando que são violentos, legitimando a ação policial que é considerada violenta contra essas classes, tornando ainda mais forte o que é passado pela mídia.

O elemento número quatro vem do sociólogo Durkheim chamada de *anomia* que seria a perda de antigos valores que desapareceram e não são mais usados e nenhum novo valor fora colocado em seu lugar, fazendo assim com que nessa lacuna cresça e se instale a violência, e criando uma justificativa para uma delinquência cometida por jovem que não possuem a maturidade dos adultos.

Como solução para “o mito da não violência” seria o ambiente escolar onde tem a capacidade de fazer com que as pessoas criem uma tolerância a dominação através da educação.

Jenkins (2006) faz uma abordagem e mostra que a sociedade pode se tornar resistente se for mais pensante

Além de saber ler e escrever, os estudantes precisam dominar habilidades de pesquisa. Entre outras coisas, eles precisam saber localizar artigos numa biblioteca, tomar notas e integrar recursos secundários numa pesquisa, checar a veracidade dos dados, ler mapas e gráficos, interpretar visualizações científicas, compreender que tipo de informação está sendo transmitida pelos diversos sistemas de representação, distinguir fato e ficção, fato e opinião, construir argumentos e ordenar evidências. (2006 ,p.19)

Segundo Bourdieu o habitus das pessoas é modificável fazendo assim com que seja criada novas formas de pensamento, sendo assim uma forma efetiva contra a estereotipação das classes e o poder da mídia e sua violência.

Essas colocações feitas por vários autores leva a crer que a educação consegue chegar em todas as classes incluindo os que são estereotipados criando resistência a manipulação da mídia causando a violência midiática, devendo ser implementada por professores e ações governamentais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos dias atuais há uma grande disponibilidade e diversificação de tecnologias que a cada dia são adquiridas mais facilmente. Essas tecnologias foram se desenvolvendo ao longo dos anos fazendo com que houvesse mudanças culturais em grande parte da população, podendo ser boas ou ruins.

O desfecho e repercussões que os fatos irão ter sobre a sociedade também poderão ser influenciados de acordo com que é colocado pela mídia.

As mídias também fazem parte dessa evolução e está presente em todas as fases da vida e em todos os lugares como nos lares, escolas, trabalhos e todos os patamares da sociedade. Mas o que se pode notar na pesquisa feita é que as mídias vem fazendo um efeito negativo em alguns aspectos como o índice de violência que é injetado nos consumidores dessas mídias.

A forma com que é colocada as informações sem o devido tratamento faz com que haja uma distorção para esses consumidores que vêem um “banho de sangue” por telas de tvs, celulares, computadores e outros meios de comunicação. Esse tipo de notícia que simplesmente é jogada para as pessoas causa uma separação social criando estereótipos, onde tem uma divisão entre pessoas “boas” e “más”, e essa divisão faz com que se tenha uma visão superficial onde a polícia deve proteger a parte boa da população contra as atrocidades da parte ruim, tendo esses que serem eliminados. O problema é muito mais complexo do que é exposto pelas mídias, não sendo apenas responsabilidade da segurança pública de acatar e resolver tal situação.

A solução para a violência no país envolve várias partes do poder público sendo os principais a educação, saúde e segurança que faz com que a desigualdade no país seja diminuída e os índices de violência diminuam efetivamente e também deve haver um controle midiático para que a forma com que situações de violência sejam jogadas sem qualquer tipo de tratamento incentivando ainda mais atitudes que implicitamente aumentam a violência.

4 CONCLUSÃO

O Presente artigo trouxe um estudo sobre a violência midiática causada por vários tipos de mídias como as televisivas, mídias sociais, rádios e jornais, onde se pode constatar o quanto prejudicial pode ser uma notícia repassada de forma errada, toda a reação que pode se desencadear por atos que não são dadas as devidas importâncias, visando apenas interesses diversos do objetivo que seria informar de forma saudável e eficaz. Pode perceber o desinteresse para com quem consome essas mídias, causando diferenciação social e incentivando a estereotipação ditando regras impostas por esses meios de comunicação, podendo até dizer que condenando e intensificando essa parte da população que é taxada como ruins, atingindo pessoas que embora não tenham cometido nenhum tipo de crime são

incluídas nessa parcela, onde essa estereotipação vem pelo lugar onde moram, a forma de se vestir e até mesmo sua condição financeira.

O artigo mostra a intensidade com que isso vem crescendo, com tecnologias cada vez mais fáceis de serem adquiridas está se tornando difícil o controle que esse tipo de violência está proporcionando. Desde crianças até idosos recebem parcela de cada informação que lhes é colocada a frente, sendo absorvidas diariamente sem perceberem, sendo vítimas e autores dessas violências onde “desaguam” na segurança pública colocando a polícia como protetora de todo o mal causado por essa parcela ruim da sociedade e posteriormente voltando para os telejornais e outras mídias se tornando quase um ciclo sem fim onde aumenta cada vez mais.

A solução para esse grande ciclo é a educação para que a população não seja tão facilmente manipulada, e uma boa administração por parte do poder público para que a desigualdade social diminua e a instigação feita por mídias para um padrão de vida não condizem com grande parte da população o que também influencia na violência que posteriormente irá virar notícias que fará parte do ciclo.

Concluindo, a mídia jogando notícias sem qualquer tratamento faz com que tenha uma interpretação errada fazendo uma divisão social e posteriormente ficando a cargo final da segurança pública os reflexos dessa violência incentivada pela mídia.

REFERÊNCIAS

ZAFFARONI, Eugenio Raúl, 1940- A questão criminal/ Eugenio Raúl Zaffaroni; tradução Sérgio Lamarão. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Revan, 2013. il.; 320p.

LOPES, Gileade Ferreira. Conceito de Habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do conhecimento. Vol.3, Ano 1. Maio de 2016. P. 1-10 .

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea, Universidade de São Paulo, Revista Brasileira de Educação, 2002, P. 60-69.

HJARVARD, Stig, Mídia e cultura: conceituando a mudança social e cultural. MATRIZES, São Paulo – Brasil. 2014. P. 21-44.

BELLONI, Maria Luiza, Infância, Máquina e Violência. Educação & Sociedade. Vol.25. Campinas. 2004. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200012

CHAUI, M. A não-violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. In: 1ª Conferência brasileira de educação. São Paulo. 1980. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:80/xmlui/handle/7891/2200>. Acesso em 20 de maio de 2013.

SANTOS, Telma Aparecida da Silva, A mídia e sua relação com a violência simbólica no contexto escolar. Revista: Encontro de pesquisa em Educação, 2013, P. 58-70.

RUBIM, A.C. Mídia e Política: Transmissão de Poder. In Matos, H. (org.) Mídia, Eleições e Democracia. São Paulo: Ed. Página Aberta Ltda., 1994.

SOUZA, Mériti de, Televisão, violência e efeitos midiáticos. Revista: Psicologia ciência e profissão, 2003, P. 82-87.

MEDEIROS, Magno, Cultura Midiática, Cultura da Violência e Cidadania. Comum, 2001 P. 33-44.